



Heróis Discretos

Acordava às cinco da manhã, pegava no carro e na criada e ia até ao Mercado da Ribeira comprar legumes e peixe para os alunos internos do Colégio Moderno. Ali na Ribeira era mais barato.

Não, não era olho para o negócio, era a lei da sobrevivência numa época em que estava sem marido e com pouca liquidez para manter um colégio que era uma referência democrática. De todas as

histórias que tenho lido sobre Maria de Jesus Barroso, esta é a mais comovente. É uma história de sacrifício. Estamos a falar de uma pessoa que tinha o talento e a formação para outros voos (atriz, declamadora, activista), mas que foi forçada pelas circunstâncias a ser a



POR
Henrique Raposo

Cronista do Jornal
Expresso

âncora invisível do barco familiar. E, diga-se de passagem, não era apenas o barco da família, também era o barco da resistência civilizada ao Estado Novo. O que quero dizer com isto? Infelizmente, a nossa memória colectiva está dominada pela romantização do ‘exilado’ e do ‘clandestino’. Ora, o regime não caiu devido à acção destas duas personagens. Os exilados nunca se entenderam e reproduziram em Paris as guerras civis da esquerda que – pouco depois – rebentariam no PREC; e as células clandestinas do PCP não desgastaram o regime, aliás, só o reforçaram.

Não, o regime não caiu devido à acção revolucionária de exilados ou clandestinos; caiu, isso sim, por causa de uma série de heróis discretos que manteve uma guerra de atrito diário com o Estado Novo. Estou a falar de burocratas europeístas como Silva Lopes, figuras da Igreja como D. António Ferreira Gomes e Abel Varzim, liberais como Sá Carneiro, Pinto Leite, Balsemão, Miller Guerra, Mota Amaral, advogados socialistas como Zenha, Soares e Francisco Sousa Tavares, católicos progressistas como Alçada, Bénard, Bragança, cometas como Snu. A acção de Maria Barroso inscreve-se nesta linha de heróis discretos que, através de uma luta diária e pública, corroe ao mesmo tempo as estruturas do Estado Novo e a hegemonia autoritária do PCP na oposição. “Nem ditadura, nem revolução”, podia ser o seu mote. Hoje em dia, este mote parece evidente e tão natural como o vento que passa, mas na época a maioria dos “democratas” desejava o sangue revolucionário prometido por Cunhal.

Não por acaso, também morreu nesta semana outro dos heróis discretos da oposição democrática: Alberto Vaz da Silva, figura central do movimento de contestação católica. Na secção de artes e letras da revista “O Tempo e o Modo”, Vaz da Silva foi fundamental para o reconhecimento de figuras como

Agustina, Sophia, Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço, Sena. Hoje em dia, o consenso positivo em relação a estes cinco escritores parece óbvio e tão natural como o pôr-do-sol, mas convém recordar que o PCP mantinha um cer-

co sobre o mundo das letras. Agustina era “fascista”, Sophia, Lourenço, Sena e Ferreira eram demasiado “heterodoxos” para os cães-de-fila neorealistas que controlavam os cadernos culturais da época. A par de Bénard, António-

-Pedro Vasconcelos e Pulido Valente, Vaz da Silva rompeu o cerco. Tal como Maria de Jesus, foi um herói discreto que merece mais destaque no panteão da nossa memória colectiva. ■

in Jornal **Expresso**, 11 de Julho de 2015

Quase uma Pessoa de Família

Sempre vi Maria Barroso um pouco como uma pessoa de família, uma parente, uma tia afastada.

O meu pai era amigo do marido, Mário Soares, e a minha mãe fora contemporânea dela na Faculdade de Letras. Além disso, na oposição ao Regime – da qual todos, mais velhos ou mais novos, fazíamos parte – havia uma cumplicidade que nos unia e criava um ambiente familiar. Entrevistei várias vezes Mário Soares – e por vezes Maria Barroso aparecia. Também a encontrei em alguns eventos sociais nos quais fazia questão de estar presente. Lá víamos surgir a sua figura pequenina mas cheia de energia e sempre apressada, elegante, afável, de sorriso nos lábios. A última vez que a vi foi na homenagem ao meu pai no CCB, por ocasião dos vinte anos sobre a sua morte.

Dada a vida muito rica de Maria Barroso, decidimos publicar aqui no SOL as suas memórias – que curiosamente se seguiram às do meu tio José Hermano Saraiva. Mais uma vez a coincidência familiar... O trabalho de investigação



POR
José António Saraiva

Diretor do Jornal *Sol*.
Membro do
Conselho Editorial
de *Nova Cidadania*

que precedeu a publicação do trabalho revelou, entretanto, um tesouro que desconhecíamos e que as enriqueceu enormemente: as Cartas de Amor a Mário Soares, que surpreendem pela força do sentimento que a unia ao marido mas também pelas queixas em certos períodos da vida – não deixando de impregnar algumas dessas missivas de uma intensidade dramática e mesmo uma carga sexual insuspeitada numa mulher que transparecia calma e tranquilidade.

No Álbum de Memórias, que foi publicado em paralelo com as Cartas, há muitos momentos significativos. Mas

aquele que porventura mais terá marcado a vida de Maria Barroso foi o desastre do filho na queda de um avião na Jamba. Mais tarde, num hospital de Pretória para onde João Soares foi transportado às portas da morte, Maria Barroso viveu dos momentos mais angustiantes da sua vida.

E tão intensa foi essa experiência que acabou por levá-la a converter-se ao catolicismo – ela que fora educada numa família ferozmente anticlerical, com um pai que insultava as freiras!

Enquanto primeira-dama, Maria Barroso nunca poupou energias a defender causas em que acreditava. Ocupou-se da terrível situação em Moçambique, da guerra fratricida em Angola, da ocupação indonésia de Timor-Leste, da ex-Jugoslávia, da violência na TV, da dignificação das mulheres. No Palácio de Belém, segundo as suas próprias palavras, Maria Barroso sentia-se representar todas as mulheres portuguesas. E, de facto, foi das mulheres que melhor conseguiram conjugar a vida pública com a vida profissional e a vida familiar.

Quer quando geria o Colégio Moderno, propriedade da família, quer quando viajava ao lado de Mário Soares, Maria Barroso nunca deixou de acompanhar os filhos e os netos, mostrando que vida pública, profissional e familiar se podem conjugar. Que não são contraditórias antes se completam – para proporcionar uma existência plena. E Maria Barroso teve-a, de facto. O espectro da morte apanhou-a à traição. Mas ela já o tinha finto, pois durante a vida não deixou nada por fazer.

Deixa o marido sozinho, é certo, e lamentá-lo-á. Gostaria de o acompanhar até ao fim. Mas dada a força da ligação que a unia a Mário Soares, a partida do marido antes dela também teria sido um duro golpe que Maria Barroso não merecia. Tendo feito tanto por ele, não merecia assistir à sua morte. ■

in revista **Tabú**, Semanário **Sol**, 3 de Julho de 2015